

## ruben a. e a prosa criadora em portugal

NELLY NOVAES COELHO

Seria eu capaz de ser Homem? A gente tenta sempre defender a estupidez, o erro. Custava-me muito ser Homem. *Ser Homem não era só saber quais as coisas grandes, era sim fazer com que esse cosmos penetrasse em nós para nos alargar*, fôsse tirando as cortinas do pano de bôca, corresse as roldanas, abrisse o clarão que vivia para além. Perdoar ainda não era ser Homem. Havia mais, mesmo muito mais, um mais que se misturava no tango *tarari tararó, tarariró taritaró totarritatá pampa mia tiraró pampa mia*<sup>1</sup>.

Confissão direta e desassombrada, com a sadia qualidade de adolescente de saber ver, admirar e divertir-se, mesclada a um maduro espírito de análise e crítica, eis o que nos traz êste *O Mundo à Minha Procura — III*, do singular escritor português Ruben A.<sup>2</sup>. Aderindo aos mil incidentes do mais banal coti-

1 Ruben A., *O Mundo à Minha Procura — III*. (Autobiografia). Lisboa, Parceria A. M. Pereira Ltda., 1968, p. 153.

2 Ruben A. é pseudônimo do Prof. Dr. Ruben Andresen Leitão, nascido em Lisboa, em 1920. Romancista e historiador, Ruben A. Leitão é membro da Academia Portuguesa de História, e é condecorado com a Ordem do Cruzeiro do Sul. Especializou-se em assuntos relacionados diretamente com a História e a Literatura Portuguesa dos séculos XIX e XX. Nos últimos anos vem trabalhando em assuntos ligados à História do Brasil e à nossa literatura. Tem em seu poder um vasto material bibliográfico, em virtude de ter sido escolhido pela Fundação Pedro II para elaborar o levantamento de toda a documentação portuguesa, que interesse ao Brasil, registrada em arquivos portugueses.

Obras de ficção publicadas: *Páginas I* (1949); *Páginas II* (1950); *O Caranguejo* (romance, 1954); *Páginas III* (1956); *Côres* (contos, 1960); *Páginas IV* (1960); *Um Adeus aos Deuses* (Livro de viagem à Grécia, 1963); *Júlia* (teatro, 1963); *O Mundo à Minha Procura — I* (autobiografia, 1964); *O Outro que Era Eu* (novela, 1966); *O Mundo à Minha Procura — II* (1966); *A Torre de Barbela* (romance, 1964); *Páginas V* (1967); *O Mundo à Minha Procura — III* (1968).

Em preparação:

*Relato 1453* (teatro); *Páginas VI*; *Kaos* (romance); *Silêncio para Quatro* (romance).

diano e mesclando os atos mais sérios aos gestos mais burlescos, Ruben A. avança com a sua prosa desbravadora de realidades. Com êle ampliam-se as linhas de descoberta, ou melhor, de redescoberta do Homem no mundo, em que o criador de *A Torre de Barbela* está empenhado visceralmente.

O que sua prosa criadora nos tem desvendado palmo a palmo, de livro para livro, não é mais o anti-herói do desencanto e da náusea. É o Homem com tôdas as riquezas e grandezas, que se vê com realismo, misto de deus e demônio, e se aceita e se critica e se situa no universo, em face de Deus, dos Homens e das coisas como peça importante que é no processo evolutivo da humanidade.

Décimo quarto volume de uma inquietante obra iniciada há vinte anos atrás (*Páginas*-1949), êste *O Mundo à Minha Procura* não faz mais do que confirmar ainda uma vez o pulso criador de um dos escritores portugueses que mais de perto revelam a “especificidade lusitana” (numa dimensão que quebra as convencionais fronteiras do nacionalismo ou do regionalismo *tout court*), e também dos que maior receptividade vêm recebendo do público brasileiro<sup>3</sup>.

Prosador de vanguarda, um dos elementos marcantes da literatura nova de Portugal, Ruben A. alinha-se entre aquêles que vêm renovando a literatura em língua portuguesa, com uma prosa realmente criadora. Ligado, desde 1954, ao Setor Cultural da Embaixada do Brasil em Lisboa, colabora também, desde 1961, no Instituto de Cultura Brasileira na Universidade de Lisboa. Em 1945, recebeu o “Prêmio Ricardo Malheiros”, concedido pela Academia das Ciências de Lisboa ao seu estranho romance, *A Torre de Barbela*, sem dúvida uma das obras de ficção mais notáveis da literatura contemporânea portuguesa.

À procura do que deve ser um Homem e do que seriam realmente as verdades essenciais da vida, Ruben A. vai demolindo mitos, desarticulando convenções, recusando trilhos já batidos e abrindo novas veredas na arte e na vida.

Último volume (se-lo-á realmente?) da trilogia autobiográfica, iniciada em 1964, êste *O Mundo à Minha Procura — III* abarca o período de tempo que vai do fim da adolescência até o momento de sua entrada consciente na vida adulta, pelo encontro consigo mesmo. Assim, a par do desvendamento do “homem”, êste volume apresenta a *definição estética* do “escritor”, elemento-chave precioso para o leitor chegar à total apreensão de tão sólida e multifacetada arte.

3 Ao falar de “público brasileiro”, evidentemente referimo-nos ao público leitor especializado, pois para o grande público, como já está monótono repetir, é quase total o desconhecimento do que se realiza hoje em Portugal em matéria de criação artística. A necessidade premente de uma nova política editorial é reconhecida há anos por todos... mas quando realmente isso se tornará uma realidade? Quando haverá um real intercâmbio cultural entre Portugal e Brasil?

Apenas por algumas das “regras de trânsito” que, segundo êle, definiriam o Homem (= saber brincar, saber perder, saber ganhar, saber rir, saber dar, saber perdoar, saber admirar), bem podemos avaliar a enorme distância que vai daquele homem contido e austero (= o homem das aparências convencionais, o homem dos limites exatos do sim ou não, das fórmulas absolutas, das certezas inabaláveis...), criado pelo mundo do século XIX (estilhaçado pela Primeira Grande Guerra, e ainda sobrevivendo em nossos dias), e o Homem do relativo absoluto, livre das convenções esterilizadas de seu impulso vital: o nôvo Homem que os novos tempos estão a exigir cada vez mais imperiosamente: O nôvo homem que Ruben A. já delinea com desassombro.

Este terceiro volume autobiográfico registra, pois, o período da procura e da descoberta do que é ser Homem-sintonizado-com-seu-tempo. Procura que se lança (entre ingênua e maliciosa, consciente e irrefletida, extasiada e amarga, deslumbrada e crítica...), seja por paisagem portuguesa (que em raros escritos aparecem tão belas e tão densamente amadas), seja pelo *habitat* londrino que lhe vai servir de decisiva abertura para a nova dimensão buscada: a do nôvo homem, cuja essência impulsionadora é o interrogar o mundo à sua volta... um mundo que afinal está à sua procura...

Para quem, numa leitura superficial, julgue encontrar na torrencial prosa de Ruben A. a espantosa hipertrofia de um eu, um narcisismo em todos os limites, aconselhamos um mergulho mais fundo no caudal das palavras e ali cada um de nós encontrará um pouco (ou muito) de si mesmo. Pois ao falar exaustivamente de si e de suas experiências mais íntimas ou mais espetaculares, é sempre de cada homem que Ruben A. fala. Nossa época de mudanças está a exigir testemunhos individuais. É da verdade de *um homem* que sairá a nova verdade de *todos*: verdade múltipla e ambígua que os tempos de debate acarretam.

Como disse Emerson no fim do século passado: “A experiência de cada nova idade requer uma nova confissão e o mundo parece estar sempre esperando por seu poeta”. E mais: “Estes romances cederão lugar, pouco a pouco, a diários ou autobiografias — livros cativantes, desde que *um homem* saiba escolher, entre aquilo que é realmente *sua experiência* e saiba registrar, verdadeiramente, a verdade”.

Dentro de nova literatura portuguesa, de afinidades surrealistas<sup>4</sup>, Ruben A.

<sup>4</sup> Falamos de “afinidades surrealistas” devido à presença de certos procedimentos comuns, como a visão do “avesso” das realidades, a quebra de fronteiras entre as várias áreas convencionais, seja de linguagem, de concreto e abstrato, de objetivo e subjetivo, etc. “Afinidades” que aproximam criações díspares como as de Vergílio Ferreira, Augusto Abelaira, Agustina Bessa Luís, Cardoso Pires, Herberto Helder, Ana Hatherly, Almeida Faria, Rodrigues Miguéis, a novíssima Maria Isabel Barreno, etc., etc.

pode ser apontado como um desses poetas, como um desses “homens que sabem escolher”, e mais, que com autenticidade e destemor sabem *admirar, criticar, enaltecer* ou *destruir*.

Decidindo-se pela autobiografia (gênero dos mais adequados aos momentos de crise e de transição de valores), Ruben A. revela sua coragem e seu desejo de cooperação no processo vital, sem medo do julgamento do futuro (ameaça que algema muita gente...). Acresce-se ao fato de que a *autobiografia* torna-se aqui um gênero extremamente difícil, uma vez que o autor, segundo suas próprias palavras, não esperou para autobiografar-se quando chegasse o “momento da reforma, quando se deixou de ser Chefe de Estado, se abandonou a vida pública” (p. 84). Ruben A. decidiu-se pela análise confessional em pleno período de realização.

Embora esta recente publicação, comparada com a prosa dos inícios, revele um maior enriquecimento existencial, não podemos dizer que se apresente mais madura estilisticamente... O mesmo pulso inicial se faz sentir aqui, pois, na verdade, Ruben A. começou sua carreira de escritor quando já adulto, e já dono da fórmula que preside a toda a sua criação literária: o registro caudaloso, caótico e desassombrado dos mil e um incidentes banais ou decisivos que são a própria matéria da vida do ser humano, a braços com a sociedade e consigo mesmo. Filtrados através de um espírito satírico, apaixonado e imparcial, êsses incidentes adquirem dimensões insuspeitadas, assaltam o leitor, rodeiam-no e exigem dêle uma participação ativa: a aceitação ou a repulsa, nunca a indiferença.

E nesse processo criador, nesse estilo inconfundível pela mescla de delírio e lucidez, a *reformulação da linguagem e da estrutura narrativa* assume papel decisivo. Para uma nova visão de coisas já tão vistas (e de que tão vistas já não são mais percebidas) só um nôvo relacionamento é admissível, só uma nova linguagem poderia ser usada. Ruben A. ultrapassa o conceito e agarra diretamente a coisa. Revela-a de nôvo, descobrindo-lhe faces insuspeitadas. Altera a sintaxe, a situação normal dos vocábulos, grafias habituais, desorganiza a ordem impondo uma nova ordenação... (Neste sentido, veja-se principalmente seus romances *O Caranguejo* e *A Torre de Barbela*, onde o processo se apresenta com maior riqueza.)

Não é só com o espírito de análise que êste dinâmico prosador registra sua visão de mundo, é com todos os sentidos, é com o corpo inteiro. (Leia-se, por exemplo, neste terceiro volume ora em questão, a “descoberta” do Alto Minho, o *grand tour* a Ribeira da Lima... onde a adesão do escritor às realidades se dá numa dimensão absolutamente inusual...). Como muito bem sintetizou o crítico Liberto Cruz, “Ruben A. viaja e observa com a bôca e os olhos, as unhas,

as pernas, a cabeça e o coração. (E acrescentaríamos: com o estômago e o sexo...). Daí o tom sensual, escaldante, a simultânea agressividade e doçura de sua prosa, a construção de tantas frases a roçar pelo absurdo, a inclusão de vocábulos e verbos que passarão aos mais desatentos por gratuitos e supérfluos. Daí ainda, a criação de vários neologismos, a necessidade de inventar palavras, de lhes alterar o discurso, de lhes revalidar e desviar o conceito<sup>5</sup>.

Recuperando um tempo que lá vai, e que a memória guardou como experiência exemplar, o escritor escava fundo um *passado* revivido no presente e redimensionado em função de um futuro já conhecido, no momento do registro recuperador. Fundindo o início dos fatos rememorados com o seu desenlace futuro, numa quebra das fronteiras temporais do ontem, hoje e amanhã, Ruben A. dá outras conotações à técnica legada por Proust à ficção contemporânea, isto é, a técnica de registro do *fato passado* através da *visão presente* que já sabe qual foi o *futuro* daquele fato perdido no tempo e que, ao recuperá-lo, obviamente, capta nêles nuances, pormenores que a própria vivência, *quando era só presente*, não poderia perceber.

Entre dezenas de "momentos recuperados", citemos apenas um para concretizar. Trata-se do instante em que o escritor conheceu Valérie, a inglesa que foi em sua vida um dos "grandes encontros". Note-se que "situado" vivencialmente no *presente* daquele momento do encontro, no baile, o escritor vive simultaneamente momentos de um *passado anterior* àquele instante (seu primeiro encontro com Mafalda, as experiências amorosas do 31, etc.), e ao mesmo tempo o *futuro avassalador* que se iria seguir (o abalo sísmico de sua paixão, sua derrocada econômica, etc.) (Cf. pp. 196/201).

Manejando uma técnica em que *real e imaginação* fundem-se (e onde atuam as personalidades de *historiador* e de ficcionista que nêles coexistem), Ruben A. realiza em língua portuguesa aquilo que Henry Miller realizou genialmente em língua inglesa e que está sintetizado em uma frase do escritor norte-americano (em epígrafe a êste *O Mundo à Minha Procura*):

"Autobiography is the purest romance. Fiction is always closer to reality than fact".

(In *Books of my Life*.)

Interpretação estético-existencial que em Ruben A. se funde com a sua verdade interior:

<sup>5</sup> Liberto Cruz, "Ruben A. — Vinte Anos de Prosa", *Revista do Ocidente*, vol. LXXVI, Lisboa, 1969, p. 291.

"A vida representava para mim imaginação, e tão real tão espantosa que era imaginação, e essa imaginação era a verdade" (p. 74).

Nessa adesão à visão surrealista da vida, Ruben A., com sua prosa *sui generis*, ultrapassa os limites que o neo-realismo não quis franquear: o poder de deformar a realidade, de alterá-la em sua objetividade comum, de quebrar sua crosta convencional, impregnando-a de uma dimensão fantástica ou quase delirante.

É principalmente essa técnica estilística (= libertação do bom-senso realista pela liberação caótica da fantasia), êsse estilo caudaloso o que aproxima Ruben A. do inquietante Miller, e também o que levou a crítica a reconhecer em Ruben A. um certo parentesco com o monstro sagrado do Sexo.

Evidentemente, êsse parentesco existe, o próprio Ruben torna-o transparente, e mesmo sem fundas análises podem-se enumerar em sua obra vários fatores que evidenciam a influência de Miller (tal como, na literatura brasileira, e com outras conotações, elas são encontradas na obra do pernambucano Hermilo Borba Filho...).

A identificação da verdade da vida com a verdade da imaginação; a repulsa por tôdas as convenções em literatura, procurando sempre registrar "uma ressurreição de emoções"; a tarefa auto-imposta do artista: "derrubar os valores existentes, fazer do caos que o cerca uma ordem que seja sua própria, semear discórdias e fermentos para que pela descarga emocional, aqueles que são mortos possam ser trazidos de volta à vida<sup>6</sup>"; a mescla dos planos temporais, com total desrespeito à cronologia histórica; a frenética mescla de incidentes e de distintas realidades da narrativa; a visão satírico-surrealista das coisas; a franqueza em reconhecer o próprio fracasso, a contínua disponibilidade para amar... etc., etc.

Aí estão alguns dos fatores mais evidentes na identificação que aproxima as obras dos dois escritores. Entretanto, forçoso é ir mais além e assinalar o que nos parece mais importante e realmente essencial nesse "parentesco": a *dissemelhança de essência filosófico-existencial* que os coloca em pólos opostos.

Julgamos indispensável assinalar essa dissemelhança, não só pela importância que, a nosso ver, ela assume no processo evolutivo da literatura e da vida, como também pela facilidade com que as sugestões interpretativas, ou as meias palavras lançadas ao acaso pela crítica, podem ser distorcidas pela divulgação, e neste caso, o "parentesco" evidente corre o perigo de transformar-se em identidade absoluta, o que é falso.

Objetivamente: é a *visão-de-mundo* que especifica e singulariza ambas as

<sup>6</sup> Henry Miller, *Trópico de Câncer*, 5.<sup>a</sup> ed., São Paulo, Ibrasa, 1968, p. 8.

produções, distanciando-as entre si. A atitude filosófico-existencial de Miller é *estática* e a de Ruben A. é *dinâmica*.

Essa classificação, “estática”, pode parecer paradoxal a quem de imediato lembre o vigoroso e alucinante impulso vital que impregna tôdas as páginas millerianas. Contudo é de se notar que o ritmo frenético de sua narrativa, o torrencial de suas imagens ou a contínua mudança dos incidentes que formam a matéria de qualquer de seus romances-confissão, provêm exclusivamente das duas únicas realidades que o tocam profundamente: o Sexo e a Arte, confinados em si como valores absolutos.

Lançando-se contra o grande tabu de nossa civilização (sexo-pecado), Miller desvenda a força avassaladora do Sexo, assumindo-a frontalmente. Assim, entrenchirado nessa obsessiva fruição e na Arte, para êle uma supra-realidade mais verdadeira do que a vida real (“Absolutamente não me interessa o que é verdadeiro nem mesmo o que é real. Só me interessa o que imagino que é...”), Miller representa o momento de perplexidade, de revolta do Homem em face do mundo do primeiro pós-guerra, um mundo que precisava ser reformulado desde a base. Representa êle, em meio a tantos outros criadores, o momento da “náusea” tão esplendidamente conscientizada por Sartre.

É significativo que já em *Trópico de Câncer* êle registra uma visão de mundo paralisante, do ponto de vista de dimensão do Homem em face da História.

“O mundo ao meu redor está se dissolvendo, dissolvendo, deixando aqui e acolá manchas de tempo. O mundo é um câncer que está comendo a si próprio... Estou pensando que, quando o grande silêncio descer sobre tudo e todos, a música triunfará por fim. Quando tudo se retirar de nôvo para o útero do tempo, o caos será restabelecido, e o caos é a página sobre a qual a realidade está escrita. Você, Tânia, é o meu caos. É por isso que canto. Não sou nem eu, é o mundo morrendo, deixando cair a pele do tempo. Eu ainda estou vivo, dando pontapés em seu útero, uma realidade sobre a qual escrevo<sup>7</sup>.”

Aí temos esplendidamente sintetizada a essência básica da cosmovisão de Henry Miller. Desde êsse primeiro livro, publicado em 1934, até o momento, o extraordinário escritor não faz outra coisa senão registrar, genialmente, essa sua obsessiva visão de um mundo podre em desagregação, onde nada mais tem valor, onde o caos precisa ser restaurado e em cuja restauração, a Arte e predominantemente o Sexo, jogam um papel decisivo.

E se é verdade que o indivíduo Henry Miller *vem atuando historicamente* sobre o mundo, durante todo êste tempo, *através de sua arte*, não é menos ver-

7 Ibid., p. 200.

dade que a *atitude filosófico-existencial* registrada pelo *escritor* em sua obra é a da omissão, do pessimismo, da descrença no homem e da mais completa inatuação criadora sobre o mundo. O que aflora em sua turbulenta, genial e despuddorada prosa criadora, mais do que uma revoltada recusa da esclerose que corrói o mundo da Ordem, é a recusa visceral ao próprio mundo em sua totalidade, excluídas aquelas duas áreas privilegiadas (fontes criativas que são...).

Em síntese: embora sua mais recente publicação, a trilogia *A Crucificação Encarnada* date da década de 60, a matéria de que se alimenta tôda sua obra foi retirada de sua vivência, numa faixa temporal que abarca mais ou menos as décadas de 20 e 30, correspondendo, portanto, ao clima do primeiro pós-guerra.

O Tempo não pára. Sobrevém a Segunda Guerra e o seu fim vai trazer uma reação vital diferente em face dos mesmos problemas. O processo de desmitificação dos valores prossegue, uma vez que a Ordem fôra apenas abalada, mas não reformulada. E já agora se vislumbra na produção de certos criadores uma visão-de-mundo *dinâmica*, isto é, vitalmente atuante sobre o mundo. Ruben A. está entre êsses.

É nesse sentido que vemos a atitude filosófico-existencial de Ruben A., em pólo oposto à de Miller, muito embora se revele em reação aos mesmos quadros denunciados no rescaldo da Primeira Guerra: a estupidez dos homens; a hipocrisia social; a estreiteza dos espíritos; a inexistência de espaço para a Beleza, para a Arte ou para os gestos sem finalidade prática; a rigidez de uma burocracia míope e esterilizadora; o convencionalismo ôco; o excesso de funcionalidade a abafar os impulsos originais do homem, etc., etc.

Em face da obra de Miller, a diferença essencial que vemos registrada na prosa de Ruben A. reside, pois, na presença avassaladora de um espírito dinâmico e desejoso de atuação, que se derrama pelo mundo à sua volta. Ou ainda, na presença de um extasiado e espantoso amor pela Natureza, pelas coisas e pelos homens, um amor indifereçável que contracena com um agudo espírito de crítica que não perdoa nada que seja ínfimo, mesquinho ou rasteiro.

Miller contempla, denuncia e renuncia, isolando-se confortavelmente num mundo todo seu.

Ruben vê, admira, denuncia e luta num corpo-a-corpo de quem não aceita a derrota, nem em si, nem nos outros. Numa luta sem esmorecimentos, de quem embora tendo consciência de que carrega consigo um mundo precioso, todo seu, não aceita o isolamento e tenta, por todos os modos ao seu alcance, introjetar êsse microcosmos no macrocosmos, sem o que sua realização de Homem não pode ser integral. Êsse parece-nos ser o sentido mais profundo de sua obra.

Daí a abissal diferença entre os dois, ou melhor, entre duas gerações.

Confronte-se ainda a “disponibilidade para amar” que os marca. Miller está aprisionado pelo Sexo, pela força criadora sexual, reduzida exclusivamente às relações Homem-mulher, confinadas em si, excluindo portanto o universo, — a área maior onde necessariamente deveriam atuar criativamente. Ruben se entrega inteiro ao Amor por tudo e por todos, através daquela mesma força criadora, produzida pela união amorosa-sexual, quando através do “outro” atinge Deus, a vida, a morte, o mundo.

Em suma, a obra de Miller corresponde à visão apocalíptica do caos do entre-guerras (1918-1939), que inevitavelmente tinha de aprofundar a destruição em marcha, provocando a ruptura violenta da Verdade Única, e fazendo aflorar ao nível da consciência do homem várias possibilidades de verdade.

A obra de Ruben A., entre outras, a partir daquela descoberta inicial, corresponde à visão construtiva do segundo pós-guerra, quando o homem, diante da mesma desagregação de valores, sente que lhe caberá restaurar o cosmos pela reordenação do caos. A partir do doloroso aprendizado da ruptura, do dilaceramento, um caótico processo de reconstrução está em marcha. Daí dizemos que a visão filosófica do primeiro é *estática*, e a do segundo, *dinâmica*. E como ainda estamos em pleno processo de transformação, obviamente, essas duas atitudes opostas continuam coexistindo nos homens de todos os quadrantes, sejam eles artistas-criadores ou não.

Assim, ao escarpelar impiedosamente a realidade portuguesa atacando-a fundamentalmente em sua dimensão rasteira, medíocre, alicerçada em medos e invejas... ao fim e ao cabo, é a todos nós, é à comunidade humana em crise, espalhada pelas “sete partidas do mundo”, que Ruben A. atinge com sua lucidez satírica, com sua crítica severa e inteligente, agudizada por uma aparente frivolidade, que no entanto não consegue esconder uma funda amargura: aquela que procede de um imenso amor, frustrado em seus mais legítimos anseios.

“Quem bem ama, castiga...” diz o ditado. É sem dúvida, em sua avidez de admirar e fazer admirar, de amar e de fazer amar, de realizar e fazer realizar... que radica a contundente crítica que Ruben A. oferece através de seu singular e envolvente estilo, e da qual nenhum leitor poderá sair impassível.

A êle podemos estender as palavras que Antônio Olinto disse acêrca de Miller. Ruben A. “exige muito de cada leitor. Exige o amor à verdade. Exige um espírito lúcido. Uma clareza de pensamento. Uma firmeza de caráter. Uma ética. Porque êle é, na verdade, reforma literária em grau altíssimo. E representa o que de mais nôvo pode ter o homem de qualquer tempo: a insubmissão<sup>8</sup>”.

<sup>8</sup> Antônio Olinto, “Introdução: Henry Miller, Moralista Insubmisso” in H. Miller, *Sexus*, 5.<sup>a</sup> ed., Rio, Gráfica Record Editôra, 1967.